

AS MULTIFACES DA LITERATURA: SUA INDISPENSÁVEL PRESENÇA FORMANDO CIDADÃOS CRÍTICO-REFLEXIVOS

Claudemir dos Santos Silva¹

Marisa Lajolo reeditou, em 2001, desta feita pela Editora Moderna, *O que é Literatura*, publicado em 1984 pela Brasiliense. Lajolo tem formação em Letras pela Universidade de São Paulo, onde fez, também, seus Mestrado e Doutorado. Com PósDoutorado feito na *Brown University*, Inglaterra, além do livro que é objeto desta resenha, escreveu outros sobre temáticas aproximadas ou sobre educação leitora.

O que é Literatura presenteia-nos com uma profunda reflexão sobre o valor da Literatura e suas contribuições para a humanidade, transformada por ela ao longo dos tempos. O livro é dividido em quinze capítulos e neles a autora enfatiza os assuntos abordados com os subtítulos selecionados.

No capítulo um, evidencia-se que a Literatura não morreu, mas que permanece viva. Lajolo destaca, neste capítulo, aqueles leitores que não se preocupam em entender as mudanças e avanços da Literatura. Segundo ela, as pessoas precisam adaptar-se às novidades culturais, pois o mundo mudou, tem mudado e, junto dele, a Literatura, evoluiu surpreendentemente, cumprindo seu papel de informar holisticamente a sociedade.

No capítulo dois, ressaltam-se formas de ajudar os leitores a encontrar suas respostas sobre o que é Literatura, suas intenções e pretensões para a humanidade. Enfatiza-se que a Literatura, para ser discutida e apreciada, necessita de que seus leitores e admiradores estejam com olhos e ouvidos atentos para a compreensão de seus reais ou imaginários pontos de exposição – que se podem presentificar na leitura de obras, frases pintadas a *spray* ou, até mesmo, navegando no mundo dos computadores.

No capítulo três, Lajolo, em meio a tantas perguntas com respostas provisórias sobre o que é Literatura, tenta responder essa “*pergunta chave*” e manter-nos informados em relação a algumas instâncias que a constituem. A autora faz perceber que uma obra literária é um objeto social muito específico: para que ela exista, é preciso alguém que a escreva e outro alguém que esteja disposto a lê-la e, para que ela saia das mãos do autor para o leitor, ocorrem vários processos, uma espécie de “*corrente*” entre editor, distribuidor e livreiros. Esse trio constitui um corredor econômico, pelo qual passa

¹ Tutor virtual do curso de Letras a Distância da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

qualquer obra literária, antes de cumprir sua função social, criando um espaço de interação entre o autor e o leitor. É nítida a preocupação de Lajolo em informar de onde vem e como se formulam certas noções de Literatura, tornando nossa opinião mais rigorosa com argumentos mais fortes, permitindo-nos discernir entre os recursos retóricos e ideológicos em que se fundam os conceitos oficiais de Literatura.

No capítulo quatro, estabelece-se para os leitores que a Literatura não tem uma definição, como pode ser descrito com certa unanimidade um composto químico, um acidente geográfico ou um órgão do corpo humano. Dentro de cada tempo, um grupo social elabora suas ideias, conceitos e definições. Lajolo, neste capítulo, “transporta” para a Grécia e mostra-nos que, ao longo dos mais de dois mil anos que nos separam de Platão, vários têm sido os critérios pelos quais se tenta identificar o que torna um texto literário ou não literário, sendo eles: o tipo de linguagem empregada; as intenções do escritor; os temas abordados na obra; e o efeito produzido por sua leitura, fazendo-nos concluir que tudo isso está em pauta e realmente vale a pena empregar quando se quer definir ou conceituar Literatura.

No capítulo cinco, a escritora recorre ao dicionário Aurélio, que logo, “inventa” segundo ela, significados para a palavra *Literatura*. Dando-nos dez definições do vocábulo que tem criado tanta polêmica da Antiguidade aos dias atuais. Ainda neste capítulo, a autora destaca o indispensável exercício de saber ler e escrever, permitindo, assim, a prática para exercer nossos papéis de cidadãos, constituindo distinção e superioridade em nossa tradição cultural, tanto para os indivíduos quanto para a coletividade, pois povos sem leitura ou escrita costumam ser considerados inferiores, sem história, bárbaros.

No capítulo seis, Lajolo faz referências ao capítulo anterior, afirmando que, em meio a uma instabilidade de linguagem e símbolos com afirmações e negações, a Literatura pode ser entendida como uma situação na qual a expressão por meio de diferentes recursos sugere o juízo da significação, onde fluem a fragilidade, irredutibilidade e permeabilidade concebida entre o ser e o nome. A autora mostra-nos que a Literatura deixa-se levar ao extremo da ambiguidade da linguagem, permitindo ao homem limitar-se ao espaço entre o nome e o objeto nomeado, ou seja, uma artificialidade e instabilidade na relação como ocorre também em diferentes textos para diferentes tipos de pessoas.

No capítulo sete, a autora faz-nos entender que, para melhor compreendermos a Literatura, é indispensável emprestar nossos vários sentidos perceptivos, para poder “desbravar” os inúmeros horizontes que dela são criados, como os variados mundos nascidos a partir das várias formas de leitura que dela se fazem. Lajolo mostra que a Literatura, como outros atos da linguagem, dá existência ao que, sem ela, ficaria no caos, no inominado e, conseqüentemente, do não existente para cada um, pois, ao mesmo tempo em que ela cria, ela também aponta para o provisório da criação.

No capítulo oito vê-se claramente o grande interesse da autora em nossa compreensão sobre a Literatura mediante o reconhecimento ideológico da história de suas teorias, permitindo nossa observação sobre conceitos e práticas literárias, vendo que, a

seu tempo, são para quem os formula e cultiva tão bons ou tão ruins quanto quaisquer outros. Lajolo faz-nos ver que, na Grécia, a Literatura (e arte em geral) parece não ter sido um privilégio dos que liam ou gostavam dela, mas era uma espécie de celebração coletiva que cumpria seu papel social na vida e no meio de seus celebrantes, ao contrário de hoje, dando destaque àqueles que leem.

No capítulo nove Lajolo transporta-nos para a Europa da Idade Média, mostrando que a Literatura, após alguns processos transitórios de grandes mudanças, começou e continuou a cumprir novos papéis multifacetados na vida da sociedade, passando a redescobrir diferentes formas de expressão, mantendo-se em todas elas e procurando gerenciar o mundo e o lugar das pessoas nesse contexto. Nota-se que a civilização medieval foi um período em que a sociedade organizou-se segundo padrões muito rígidos com diferenças sociais gritantes e que a única fonte de informações de tudo isso eram os livros, inclusive os de Literatura, que registravam sutilmente o que se passava nas cabeças daqueles que tinham o privilégio do acesso às informações multifacetadas.

No capítulo dez, deparamo-nos com um mundo moderno já no horizonte, composto de diversidades e inovações na Literatura, que, no século XVIII, era produzida em escala menor do que agora e os livros eram impressos em série, vendidos em diferentes pontos. Chegando ao mundo moderno da Renascença e, conseqüentemente encontrando o Barroco com as poesias de Gregório de Matos e os sermões de Pe. Antônio Vieira e, posteriormente o Neoclassicismo, sendo designado como Arcadismo e representado por um surpreendente Tomás Antônio Gonzaga. Assim, revivemos e destacamos uma Literatura multifacetada também no cenário brasileiro.

No capítulo onze, de imediato, Lajolo informa-nos que o mundo aristocrático, cheio de regras, modelos, padrões e normas, dissolveu-se, evaporou-se, chegando ao mundo moderno, das máquinas aperfeiçoadas, e, junto dele, do indispensável aprimoramento do homem, procurando ler e escrever, pois crescem as escolas e a alfabetização e, por conseguinte, amplia-se à difusão da leitura. A autora registra, neste capítulo, uma Literatura com uma nova linguagem, expressando um novo homem em sua essência. As práticas literárias românticas e democráticas descreveram características da individualidade de cada “eu” e foram expressas por grandes escritores como: Álvares de Azevedo, Castro Alves, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar.

No capítulo doze, contemplamos uma nova transição da Literatura, que sai da fase romântica e passa a atuar em uma sociedade com características realistas, que é altamente egocêntrica e capitalista, perdendo o romantismo, a força, o sentido e suas práticas com noções de Literatura, passando a vez para essa nova fase movida no real e no natural da vida, nos laboratórios em teses, deixando de fora a imaginação e a fantasia. Dessa maneira, observamos uma nova fase da vida com pensamentos de poder produzir uma literatura voltada para o realismo e o naturalismo, com documentos de uma sociedade onde prevalece uma visão pública e notória, sendo o essencial e o verídico representado pela linguagem da ciência.

No capítulo treze, Marisa Lajolo faz uma retrospectiva em relação aos movimentos românticos e pós-românticos, mencionando que aqueles que antecederam a era romântica

não se manifestaram somente na prosa, mas também na poesia, por apresentarem características marcantes de organização e perfeição formal, como o Barroco. Neste capítulo, a autora enfatiza o Parnasianismo e o Simbolismo, movimentos que nos fazem perceber que, apesar de eles terem acontecido em épocas diferentes, apresentavam características semelhantes, além das ilustres presenças, cada qual ao seu estilo, dos escritores: Olavo Bilac e Cruz e Souza.

No capítulo quatorze, a autora permite-nos uma reflexão, com um olhar futurista de um mundo pré-modernista e pós-modernista, sobre a verdadeira mistura de antigas fórmulas ao lado das novas e bem atuais, ocorrendo uma alegre babel, um choque de vozes, ideias, crenças, costumes e hábitos. Na Literatura dos séculos XX e XXI, mostrada por Lajolo, tudo é pluralizado por diferentes códigos e linguagens divulgadas pelas vozes de grandes autores, que utilizam um incrível poder multifacetado de escrita em suas obras literárias: Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Alcântara Machado e Fagundes Varela.

No capítulo quinze, depois de tanto “andarmos” e observarmos a contribuição da Literatura nas diversas civilizações mundiais, a autora traz-nos à contemporaneidade, fazendo-nos concluir que a Literatura vem tomando rumos incríveis no Brasil e no mundo e que a cidade moderna funciona como um gigantesco livro, coletivamente escrito e lido. Ainda neste capítulo, entendemos que a Literatura, com seu papel plural, aparece em variadas formas e pontos de exposição por meio das obras literárias, músicas, *outdoors*, telenovelas, computadores, postes, jornais ou em anúncios de ônibus, deixando aqueles que aprenderam de uma só maneira a se perguntarem se tudo isso e muito mais é Literatura.

De maneira geral, no desenrolar de toda obra, concluímos que a vida, através de diferentes linguagens, desde a Antiguidade à atual pós-contemporaneidade, ficou conhecida como *Literatura*, que, com seu papel plurissignificativo, permite que todos os povos possam enlaçar suas vidas e seus afazeres à música, às obras literárias, à dança e à poesia – fatos/atos completamente voltados à Literatura que forma cidadãos críticos e reflexivos.

A obra é envolvente e divertida, uma vez que a Lajolo consegue prender a atenção do leitor em cada capítulo, caracterizando-os com adjetivos que se adequam perfeitamente às situações propostas por ela no desenrolar/acontecer do livro em seus quinze capítulos. Parece-nos que ela está ao nosso lado, acompanhando todo o processo de leitura. Este livro é indispensável para aqueles leitores que procuram ver que a *Literatura* apresenta-se multifacetadamente com informações que, certamente, acrescentarão conhecimentos para a sociedade e para aqueles que correm ao seu auxílio.

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Editora Moderna, 2001, 128 págs.